

Interfaces de uma atriz negra gaúcha

» VERA LOPES

Gestora do Espaço de Humanidades Ossos 21, no bairro Santo Antônio Além do Carmo, de Salvador (BA)

O amplo saguão do Centro Municipal de Cultura ficou pequeno para o tanto de pessoas que, naquela gelada sexta-feira, 13, compareceram ao lançamento do livro *Hamlet Sincrético – Em Busca de um Teatro Negro*, no 26º Porto Alegre em Cena — Festival Internacional de Artes Cênicas. Ocasão em que apresentamos a performance-espetáculo *Noite Sincrética* na *Sessão Maldita* do festival. O numeroso público que atendeu ao chamado atestou que o trabalho realizado pelo “Caixa” possui raízes profundas com frutos saborosos e atrativos.

Nascemos como grupo de teatro quando um coletivo de artistas negras e negros, das mais diferentes áreas do fazer teatral e/ou a ele relacionados, juntou-se. Em comum, o desejo de levar aos palcos espetáculos que priorizassem a estética negra em sua amplitude. O grupo recebeu o nome de *Caixa-Preta* e a peça de estreia foi *Transegun*, obra do escritor paulista Cuti-Luis Silva. Fomos muito bem recebidos, em especial pelo público negro, que, desde então, tem acompanhado nossas produções, aplaudindo, incentivando, divulgando.

Nosso segundo espetáculo foi *Hamlet Sincrético*. Divisor de águas no cenário cultural gaúcho, com direção e concepção de Jessé Oliveira, inspirado no clássico de William Shakespeare e estruturado em elementos da cultura e da religiosidade afro-brasileira que serviram de metáfora para construir a narrativa dramática. A ousada montagem, ambientada no Hospital Psiquiátrico São Pedro, causou impacto, chamou a atenção da crítica e potencializou a democratização do espaço cênico. Em cada apresentação, mais de cinquenta por cento dos presentes eram pessoas negras. Novidade estrondosa nas plateias de teatro do Sul do país.

Esse feito histórico está relatado no livro *Hamlet Sincrético – Em Busca de um Teatro Negro*, que traz depoimentos de quem assistiu ao espetáculo, de atrizes e atores do elenco, do diretor que detalha concepção, elaboração e direção. E também artigos acadêmicos sobre o espetáculo, críticas, algumas matérias publicadas na imprensa, fotos, muitas fotos lindas, e breve resumo de outras montagens do *Caixa-Preta*. O livro foi organizado por Jessé Oliveira e Vera Lopes.

O encontro entre diretor e atriz, Jessé e Vera, deu-se ao iniciarem as conversas so-



bre a possibilidade de apresentar um projeto para disputar o edital de fomento à cultura. Depois de alguns encontros, vieram outras pessoas, e o projeto foi elaborado, apresentado, defendido e contemplado no Fumproarte — Fundo Municipal de Apoio à Produção Artística.

Assim, começávamos a escrever a história do *Caixa-Preta*, do qual sou uma das fundadoras. Muitas pessoas colaboraram, muitos profissionais passaram pelo Caixa e cada uma/um com seu saber contribuiu para consolidar o grupo como referência negra nas artes cênicas na cidade. Recebemos formação, realizamos formações. Até o momento, são sete montagens de espetáculos. Participamos de festivais no Brasil e no exterior, recebemos prêmios nacionais e internacionais. Realizamos encontros para discutir a participação negra na cultura, na formação do povo brasileiro. Editamos revista e livro.

Sou atriz com 42 anos ininterruptos de atuação e, num país racista como o nosso, tal fato é um feito. Comecei no teatro em 1978, com a peça *O pulo do gato*, direção de Décio Antunes. No cinema, estreei no pre-

miado curta *O Dia em que Dorival encarou a Guarda*, de Jorge Furtado e José Pedro Goulart, de 1986. Trabalhei em alguns filmes de curta e longa metragens, fiz fotonovela e propagandas. Montei Recitais Poéticos Musicais, nos quais assino a pesquisa, o roteiro e também atuo. Desses, destaco: *Batuque tuque tuque*, baseado na obra poética de Oliveira Silveira; *Quadros*, baseado na obra poética de Carolina Maria de Jesus, e *Minas de Conceição Evaristo*, igualmente baseado na obra poética de Conceição Evaristo.

Quando a pandemia se instalou, estava atuando em duas séries, *Nós somos pares*, de Camila de Moraes; *ChristiAna*, de Roni Nogueira, e ainda estava escalada para o elenco da série *Éborá*, de Diego Alcântara.

A literatura é um outro espaço de “flerte”. Tenho a honra de ser coautora do escritor CutiLuis Silva no texto teatral *Tenho Medo de Monólogo*. Também assumo com Jessé Oliveira a edição da *Revista Matriz* e a organização do livro *Hamlet Sincrético*, ambos editados pelo *Caixa-Preta*. A propósito, atualmente o grupo Caixa-Preta encontra-se em pausa reflexiva.

Congelamentos de preço nunca funcionam

» NELSON MUSSOLINI

Presidente executivo do Sindicato da Indústria de Produtos Farmacêuticos — Sindusfarma, e membro do Conselho Nacional de Saúde

Este período de pandemia tem sido difícil para todos. A indústria farmacêutica instalada no país tem feito a sua parte. Apesar de estar sendo submetida a enorme pressão de custos, garantiu e continua garantindo o abastecimento regular de todos os medicamentos de que a sociedade brasileira necessita.

Em 2020, o IPCA de medicamentos foi negativo (-2,28%) ante a inflação geral positiva (+4,52%). No acumulado de 2012 a 2020, a inflação geral somou 63,37% ante uma variação de preços dos medicamentos de 46,73%, de acordo com o IPCA do IBGE. No mesmo período, o reajuste concedido pelo governo somou 51,79%.

A pandemia de SARS-CoV-2 provocou uma crise mundial de fornecimento de insumos farmacêuticos ativos (IFAs), dos quais o Brasil é grande importador, que se refletiu na elevação de custos da indústria farmacêutica instalada no país, multiplicada pela variação cambial.

Neste período, o dólar americano subiu 28,93% ante o real, alcançando 43,20% em outubro. Nas operações de logística, as empresas do setor tiveram de absorver aumentos de 78,5% no frete e 17% em seguros, além de outros importantes insumos, como resina nacional (+56,70%) e caixa de papelão ondulado (+15,50%).

Introduzida pela Lei nº 10.742/2003, a recomposição de preços de medicamentos se dá uma única vez ao ano e serve para com-

pensar os custos absorvidos pela indústria farmacêutica instalada no Brasil nos 12 meses anteriores, com o objetivo de manter o equilíbrio econômico-financeiro e a competitividade do setor e, principalmente, assegurar o abastecimento normal de produtos básicos e fundamentais para a saúde e o bem-estar da população.

Destaque-se que a recomposição anual de preços de medicamentos não acarreta aumentos automáticos nem imediatos nas farmácias e drogarias, como se constata do comportamento dos preços nos últimos anos. Mas há distorções. O Brasil é — há décadas — o campeão mundial da tributação sobre medicamentos: quase 32% do valor pago pelo consumidor é tributo. A média mundial é de 6%.

Recentemente, foi protocolado no Senado o Projeto de Lei 939/21, que prevê o congelamento de preços dos medicamentos. Diante do acima exposto, seria justo adotar esta medida? Por qual motivo o Senado não congela o gás encanado, que subiu 39% nos últimos 12 meses? Ou a carne bovina, que teve 17,97% de aumento? Ou os alimentos em geral, que, no ano passado, subiram mais de 20%? Ou a gasolina e o etanol, que, só no primeiro trimestre deste ano, subiram mais de 20%?

A razão é simples: congelamentos de preço nunca funcionaram. Os mais experientes vão lembrar da época do presidente Sarney e do “boi no pasto”. Congelamentos, mesmo por curtos períodos, turbinam a inflação e

provocam desabastecimento.

Muitos dizem que a indústria farmacêutica pode contribuir congelando seus preços. O fato é que esta indústria contribui. Desde que foi lançado, o Programa Farmácia Popular tem seus preços congelados e, inclusive, reduzidos. São mais de 21 milhões de brasileiros que retiram de forma gratuita medicamentos para hipertensão arterial, diabetes e asma com ganhos extraordinários para a saúde individual e coletiva. A oferta gratuita de medicamentos para asma para 781 mil pessoas resultou na redução de 16% nas internações do SUS relacionadas a essa enfermidade.

Os medicamentos da Farmácia Popular nunca foram reajustados; ao contrário, seus preços de reembolso sofreram, desde 2011, algumas reduções. Desde então, a indústria farmacêutica deixou de faturar cerca de R\$ 1,35 bilhão com as reduções dos preços de referência do Programa.

Graças à agilidade e à competência da indústria farmacêutica aqui instalada, e apesar de gargalos recentes de produção provocados pela explosão de demanda de alguns produtos, o fornecimento de medicamentos foi pouco afetado pela pandemia. Mas a situação continua desafiadora e qualquer medida artificial, como congelamentos de preço, seria deletéria e desorganizaria o setor. Agora e sempre, manter a estabilidade e a vitalidade do sistema de Saúde é o que mais importa para o país e a sociedade brasileira.

Bem-vindo à selva cabocla

Não é nada fácil a vida de delegados, juizes, promotores ou quaisquer outros profissionais da Justiça que fazem da lei o objetivo central de suas funções e que, por força do cargo, se veem obrigados a residir e exercer suas tarefas na imensa e nada amistosa região Amazônica.

Há muito se sabe que essa região, sobretudo os milhares de quilômetros de fronteira seca entre o Brasil e os países da América Latina, representam um teste para todo profissional da Justiça, incluindo policiais e militares, devido aos perigos e desafios que ocorrem rotineiramente naquela parte do Brasil. Esses abnegados profissionais da Justiça sabem muito bem que estabelecer os ditames da lei numa região selvagem e hostil pode lhes custar a própria vida.

Quadrilhas numerosas e fortemente armadas e com ramificações variadas na sociedade e no establishment local fazem desse trabalho uma missão para poucos. O intenso comércio ilegal de produtos das mais variadas espécies, capaz de enriquecer um indivíduo da noite para o dia, é um chamariz natural para toda sorte de aventureiros e de gente disposta a tudo para fazer fortunas fáceis.

Definitivamente, esse não é um lugar seguro para operadores da Justiça ou outros profissionais medrosos. São inúmeras as histórias de juizes e outros profissionais que passam as 24 horas do dia sob intensa proteção policial, dormindo cada noite num lugar, muitas vezes na própria delegacia, porque ousaram enfrentar o crime organizado da região. Mesmo assim, muitos deles perderam a vida ao primeiro descuido.

Fosse esse o único perigo que enfrentam, ainda estaria tudo sob controle. O pior nesse mundo sem lei é que muitas vezes o inimigo se esconde do lado de dentro da muralha, sob a forma de um policial cooptado pelo crime ou mesmo de empresários e políticos cujas fortunas provêm muitas vezes de atividades ilícitas e outras empreitadas ilegais rendosas.

O perigo maior para todo o xerife honesto que se aventura nesse faroeste caboclo é saber identificar o verdadeiro chefe e operador dessas quadrilhas, que agem como fantasmas na noite, mas que deixam um rastro de destruição e mortes por todo lado. Escondido nas mais altas posições sociais e institucionais locais, esses cidadãos insuspeitos utilizam do status que alcançaram para dar livre trânsito ao trabalho das quadrilhas, quer facilitando-lhes o exercício do crime, quer livrando-lhes da perseguição da Justiça.

Usam da influência que possuem para dinamizar e dar um certo aparência legal a seus negócios escusos. Da exploração ilegal de madeira, ouro, pedras preciosas, minérios raros e até do furto e exportação de espécies exóticas da flora e fauna é que vem boa parte dessas fortunas mal explicadas, além, é claro, do contrabando de armas e drogas. Com essa gente poderosa e com trânsito livre na capital e no poder, todo o cuidado é pouco.

Qualquer bisbilhotice maior que possa revelar ou mesmo indicar a possibilidade da existência desses negócios escusos, operados por essa elite local, pode custar aos representantes da Justiça ou o cargo, com sua transferência imediata e sem aviso prévio ou motivo, ou, em último caso, a cabeça do próprio ousado. É essa a realidade que há décadas temos naquela parte do Brasil e que muitos fingem não enxergar.

»» A frase que foi pronunciada

“Ninguém é dono da multidão, ainda que creia tê-la dominada.”

Eugène Ionesco

Será

» Leitora nos envia um lembrete. Alguém está monitorando o ex-deputado Jean Willys?

motorista pegar todos os sinais abertos, era uma tecnologia simples e uma ideia inteligente. O acidente de ontem na W3 mostra que, se ainda existisse o aparato, as pessoas estariam mais seguras.

Amplidão

» Estava mesmo precisando de uma boa reforma o Setor de Rádio e TV Sul. Parte antiga da cidade, estava esquecida no tempo. Novas calçadas dão conforto e segurança aos pedestres e motoristas.

Prova cabal

» Uma casa sem hierarquia vira anarquia. Um povo sem instituições que se respeitem perde todo o respeito pelas regras. É o caso do lockdown. STF, STJ, PGR, governo federal e governo local não se entendem e o cidadão fica completamente perdido. Estamos, definitivamente, sem segurança jurídica.

Sempre Verde

» Um quadro iluminado na Avenida W3, que definia a velocidade ideal para o

»» História de Brasília

Outro dia, o sr. Ibrahim Sued dizia em sua coluna sobre um baile no qual não serão aceitas máscaras: para quê, se somos mascarados o ano inteiro? (Publicada em 31.01.1962)